

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Laila Dias

**O PAPEL DA DIDÁTICA PERFORMÁTICA NA MEDIAÇÃO DA LITERATURA
INFANTIL**

MARIANA
2026

Laila Dias

O PAPEL DA DIDÁTICA PERFORMÁTICA NA MEDIAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Colegiado do Curso de Letras - Português como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada
em Letras - Português pelo Departamento de Letras
do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da
Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientadora: Profa. Dra. Iva Bernardino Soares

MARIANA
2026



FOLHA DE APROVAÇÃO

Laila Dias

O papel da didática performática na mediação da literatura infantil

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras

Aprovada em 03 de março de 2026

Membros da banca

Profa Dra Iva Bernardino Soares - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa Dra Rita Cristina Lima Lages - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof Dr Rordigo Corrêa Machado - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Iva Bernardino Soares, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03/04/2026



Documento assinado eletronicamente por **Iva Bernardino Soares, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/07/2026, às 09:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1134256** e o código CRC **3A30EC46**.

RESUMO

O presente artigo discute o papel de uma “didática performática” na mediação da literatura infantil no contexto escolar, considerando a leitura literária para crianças, como uma prática que ultrapassa a decodificação do texto escrito, construído também por meio da oralidade, do gesto e da voz. Partindo de uma abordagem teórica multidisciplinar, o estudo analisa como a atuação do mediador de leitura potencializa o interesse dos alunos, favorecendo a experiência estética e contribuindo para a formação desses leitores. A reflexão fundamenta-se em autores da literatura infantil e dos estudos sobre performance, com um conceito filiado principalmente às artes cênicas, que evidencia as práticas performáticas no ensino de literatura capaz de ampliar os modos de interação com o texto literário.

Palavras-chave: Literatura infantil. Mediação de leitura. Didática performática. Oralidade. Performance.

ABSTRACT

This article discusses the role of “performative didactics” in the mediation of children’s literature within the school context, considering literary reading for children as a practice that goes beyond the decoding of the written text and is also constructed through orality, gesture, and voice. Based on a multidisciplinary theoretical approach, the study analyzes how the reading mediator’s performance enhances students’ interest, fostering the aesthetic experience and contributing to the formation of readers. The reflection is grounded in authors from the field of children’s literature and performance studies, a concept primarily affiliated with the performing arts, which highlights performative practices in literature teaching as capable of expanding the modes of interaction with the literary text.

Keywords: Children’s literature. Reading mediation. Performative didactics. Orality. Performance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 O ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA: PRÁTICAS DISRUPTIVAS	10
2 LITERATURA E ADOLESCÊNCIA NA ERA DIGITAL: PERFORMANCES VIRTUAIS	13
3 ENTRE A EXPERIÊNCIA DE LEITURA E O ENSINO SISTEMÁTICO DA LITERATURA.....	16
3 O MEDIADOR DE LEITURA PERFORMÁTICO	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23

INTRODUÇÃO

A literatura infantil ocupa um lugar central no processo de formação do leitor, contribuindo não apenas para o desenvolvimento linguístico, como também para a construção da sensibilidade estética, da criatividade e da formação crítica desde os primeiros anos escolares. No entanto, o modo como essa literatura é mediada no ambiente educacional pode determinar a forma como a criança se relaciona com os textos literários na infância e, até mesmo, ao longo da vida. A formação proporcionada pela literatura, especialmente àquela direcionada às crianças, pode ultrapassar contribuições no campo do desenvolvimento linguístico, contribuindo significativamente também para o desenvolvimento de uma sensibilidade pautada pela imaginação e pelo símbolo, ampliando o repertório cultural das crianças. No entanto, observa-se, ainda, a prevalência de práticas escolares centradas na leitura mecânica e inexpressiva, o que limita a experiência em um plano racional mais contido, impedindo sua fruição plena por parte das crianças. (Sisto; Motoyama, 2016). Nesse contexto, a metodologia que estamos nomeando como “didática performática” surge como uma estratégia para transformar a leitura em uma experiência de interação mais receptiva, aproximando o leitor da obra por meio da expressividade corporal e vocal do mediador.

Em nossa definição, pautada pela bibliografia de orientação, a didática performática representa uma abordagem pedagógica que se apropria estrategicamente de elementos das expressividades vocal, corporal e gestual, visando a uma mediação da leitura literária mais significativa e qualificada, especialmente no contexto da literatura infantil. Considerando que o ato de ler deve transcender a decodificação textual, essa didática pode promover a leitura em uma experiência extremamente sensorial, reforçando a construção de sentidos por meio da performance do mediador. Ao incorporar estratégias cênicas e interativas, a mediação da leitura mobiliza diretamente os processos imaginativos da criança, proporcionando significativamente a formação do leitor sensível desde os primeiros anos escolares.

Sisto e Motoyama (2016) destacam a importância da mediação ativa na abordagem da literatura infantil, reforçando o papel da performance como ferramenta de incentivo à leitura no espaço escolar. Tanto na obra conjunta com Motoyama, *Literatura Infantil I*, quanto em seu livro *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*, Sisto faz uma crítica ampla a cenários prontos que criam uma teatralidade restrita, porque não dialogam com seu público, explicitando, sobretudo que a participação do público é o que forma um verdadeiro contador de histórias, sendo capaz de propiciar a formação de um bom apreciador de suas histórias. Sendo assim, Sisto e Motoyama (2016) salientam que:

Os espaços com os cenários inacabados, muitas vezes apontam para uma “teatralidade limitada”, que não leva em consideração a proximidade com o público, o diálogo com o público, trazendo uma história pronta e acabada. E nenhuma história está pronta e acaba sem a participação do público. [...] Cabe ao contador de histórias oferecer estímulos suficientes para ele e o espectador criarem juntos e atravessarem juntos essa jornada. (Sisto; Motoyama, 2016, p. 116)

Considerando os aspectos apresentados, o foco central da pesquisa vai delimitar conceitualmente a *didática performática de mediação literária*, assim ela vai poder ser implementada como ferramenta pedagógica no ambiente escolar, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais. O objetivo principal é compreender que o modo como o texto literário é apresentado impacta diretamente a relação da criança com a leitura. Nesse sentido, nossa hipótese é que abordagens baseadas na performance – corpo, voz, gesto e interação – ampliam as possibilidades de recepção afetiva e na participação dos leitores. A utilização cuidadosa de elementos performáticos por parte do mediador pode favorecer uma experiência literária mais sensível, amistosa e significativa, na formação das futuras crianças leitoras, promovendo seu maior envolvimento com o universo da literatura.

Desta forma, a pesquisa tem como propósito investigar o impacto da performance cênica na mediação literária na Educação Infantil e anos iniciais. O processo investigativo se apoia na compreensão da forma como os livros literários são apresentados às crianças e como a influência direta do mediador interfere na sua relação com o livro e na formação do gosto pela leitura.

Com pertinência a essas reflexões, observamos que as práticas escolares mais tradicionais são centradas em técnicas de leitura desprovidas de expressividade, ação corporal e marcas de interação, o que pode comprometer o engajamento afetivo por parte do aluno. Por esse motivo, surge a necessidade de problematizar: de que maneira uma didática performática pode qualificar o processo de mediação da literatura infantil, promovendo um maior engajamento, uma melhor escuta e uma participação mais ativa das crianças no universo literário? Como questões auxiliares, que contribuirão para o desenvolvimento de nossa argumentação, nos valem também das seguintes perguntas auxiliares de pesquisa: i) como o mediador de leitura pode amplificar a dimensão artística do texto literário a partir de uma performance intencional?; ii) como as modalidades de expressão envolvidas na leitura em voz alta de textos literários podem influenciar a construção de sentido e interesses das crianças?; iii) como se caracterizaria uma didática performática de mediação literária na infância, fundamentada principalmente a partir de elementos como a expressividade vocal, corporal e gestual?

Sisto e Motoyama (2016) defendem uma mediação literária que, quando realizada de forma performática, transforma o ato de ler em uma experiência de encantamento e construção coletiva de sentidos. No último capítulo da obra *Literatura e Educação Infantil I: Livros, Imagens e Práticas de Leitura*, os autores destacam estratégias como: leitura em voz alta, dramatizações, uso de objetos simbólicos e variações de entonação como instrumentos capazes de promover a escuta ativa e a recepção sensível da obra, elementos indispensáveis à formação de leitores críticos e autônomos. Conforme os autores: “Os recursos externos são objetos, figurinos, instrumentos, cenários, projeções que auxiliam o contador a enriquecer a sua performance e interagir com os ouvintes, proporcionando-lhes uma experiência estética diferenciada” (Sisto; Motoyama, 2016, p. 117).

No âmbito da educação e dos estudos literários, este estudo pode colaborar para o entendimento de uma lacuna expressiva nas práticas pedagógicas: a pouca exploração de abordagens performáticas no trabalho com textos literários infantis. Além de contribuir para o avanço do conhecimento científico no campo da didática da leitura, a investigação também busca esboçar um dispositivo teórico e metodológico que faça convergir conceitos das artes cênicas, do campo de estudos sobre formação de leitores e dos estudos literários.

Além disso, a pesquisa apresenta crucial relevância social ao propor práticas que expandem o acesso à leitura literária, fictícia e/ou poética, por meio do emprego de elementos da performance cênica na prática de mediação literária, de modo a estimular não somente o interesse pela literatura, como também por outras formações artísticas, como a democratização do teatro, do cinema e até da música, o que pode reverberar ao longo da vida.

Acreditamos que a performance estratégica do mediador de literatura infantil pode favorecer a construção de sentidos mais amplos, indo além da mera oralização textual, promovendo a sensibilidade da criança diante de artefatos artísticos, como o texto literário. Para isso, sustentamos que o mediador precisa desenvolver, intencionalmente, habilidades de modulação de voz, gestualidade e uso expressivo do corpo, a fim de corporificar a narrativa e munir a imaginação simbólica da criança.

Sobre essa perspectiva, acreditamos que a partir da consideração desses elementos de mediação pode aumentar significativamente o interesse das crianças pela leitura, em contraposição à mera oralização do texto escrito, sem expressividade, como tradicionalmente acontece nas escolas. A partir do pressuposto de que essa abordagem favorece a promoção de uma disposição favorável das crianças em relação aos livros literários, se viabiliza uma experiência com uma voz ativa mais imaginativa e efetiva, ou seja, ambos se tornam sujeitos leitores participativos da prática cultural da leitura.

Assim, a presença das ações do corpo e da expressividade do educador-mediador poderia estabelecer diversos elos entre o texto e o universo mais imaginativo da criança, facilitando a apropriação das imagens literárias e símbolos presentes nos livros literários. Por fim, consideramos os efeitos positivos que podem resultar de uma performance oral expressiva, impactando, de fato, a formação leitora e o desenvolvimento da criatividade, do repertório linguístico e dos processos imaginativos da criança.

1 O ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA: PRÁTICAS DISRUPTIVAS

Historicamente, o ensino de literatura na escola foi marcado por diferentes paradigmas metodológicos, os quais expressam concepções específicas de texto literário, leitor e de função social da literatura. Cosson (2020) identifica alguns paradigmas que pautaram o ensino de literatura no contexto escolar brasileiro, caracterizando-os como: i) paradigma moral-gramatical; ii) paradigma histórico-nacional; iii) paradigma analítico-textual; iv) paradigma social-identitário; v) paradigma da formação do leitor e; vi) paradigma do letramento literário, cada qual investido por uma perspectiva teórica e metodológica bem marcada. Ainda que tais paradigmas não tenham se materializado de forma pura nas práticas escolares, mas em coexistência continuada, eles demonstram o predomínio de certas escolhas pedagógicas em determinados momentos da história do ensino.

Os paradigmas mais antigos que informaram a prática do ensino de literatura, denominados *moral-gramatical* e *histórico-nacional*, caracterizam-se por uma abordagem conservadora do ensino de literatura. No paradigma moral-gramatical, predominante no período colonial, a literatura era utilizada como instrumento para o ensino da norma culta e para a formação moral do aluno, baseada em valores cristãos e elitistas, o que restringia o acesso à experiência literária. Ambos os primeiros paradigmas carregam aspectos do que Paulo Freire define como educação bancária, pois reforçam a imagem do professor como aquele que deposita o conhecimento no aluno, restando a este uma atitude receptiva e pouco ativa diante do processo de aprendizagem.

Com o paradigma analítico-textual o ensino de literatura se compreende como a investigação formal da obra, privilegiando a análise da linguagem, da estrutura e dos recursos estéticos do texto em detrimento da experiência subjetiva do leitor. O paradigma social-identitário é como aquele que compreende o ensino de literatura, e ele vai priorizar a formação de sujeitos politicamente comprometidos com uma sociedade democrática. E mesmo que ambos sejam colaborativos entre eles vai haver um conflito, que o autor mesmo salienta:

[...] se por um lado, a exigência de participação e a construção colaborativa do conhecimento são aspectos positivos porque envolve ativamente o aluno no processo pedagógico; por outro, quando não há adesão voluntária ao texto e à análise crítica proposta, esses mesmos procedimentos podem servir para a doutrinação dos alunos. (Cosson, 2020, p. 108)

O quinto e último paradigma caracteriza-se por promover o contato com obras literárias desde o início da escolarização, sem a imposição do cânone, o que prioriza uma concepção do prazer pela leitura e das preferências do aluno. É no paradigma da formação do leitor que se evidencia de maneira mais intensa a interação do estudante com o texto literário, “que faz esse novo ensino ser essencialmente pragmático e participativo” (Cosson, 2020, p. 139). As chamadas práticas disruptivas¹ no ensino de literatura propõem a ruptura com modelos tradicionais, direcionando o educador-mediador para abordagens que valorizam a interação, a sensibilidade e a participação ativa dos estudantes. Na constituição cognitiva do ser humano, a infância é uma etapa marcada essencialmente por descobertas experimentais e sensoriais em seus contextos de desenvolvimento.

Nesse sentido, a performance, entendida como ação expressiva que envolve corpo e voz, se presta como um recurso pedagógico capaz de transformar a relação do aluno com o texto literário. No entanto, pensar na formação de leitores na infância não deve envolver somente a vivência com o texto escrito, e sim o que pode lhes trazer uma experiência com a linguagem plena, ativa e sensorial, que vemos também na fundamentação do contexto cênico. Spolin (2008) defende que os jogos teatrais devem incluir, de forma significativa, a imaginação, a expressão e o movimento espontâneo aos conteúdos da proposta de uma apresentação teatral. No contexto literário, acreditamos que essa noção de “jogo” pode ser muito produtiva, sendo considerada como uma forma de liberar o potencial criativo e expressivo da criança. Nesse sentido, todo o processo de formação do leitor infantil se incorporaria performaticamente como um instrumento de leitura imaginativa, enriquecendo o motor de compreensão nas atividades com o livro literário infantil. Spolin (2008) assevera que:

No processo de ensino, a abordagem intelectual ou psicológica é substituída pelo plano da corporeidade. O material do teatro, gestos e atitudes, é experimentado concretamente no jogo, sendo que a conquista gradativa de expressão física nasce da relação que deve ser estabelecida com a sensorialidade. Dessa forma, no decorrer do processo educacional, é atingida uma objetividade que almeja eliminar o mau hábito de utilizar o teatro como um instrumento de acrobacia sentimental. (Spolin, 2008, p. 23-24).

¹ As práticas disruptivas dizem respeito às propostas pedagógicas que se distanciam de abordagens conteudistas, valorizando as vivências do leitor, a elaboração coletiva de sentidos, a escuta e o protagonismo dos estudantes em sua relação com o texto literário.

Propor a mediação performática de um texto literário para crianças, coloca o educador/mediador em função de um espaço de posse ativa, onde quem está escutando experimenta de forma potente a narrativa, contribuindo para o ponto chave do relacionamento crítico e sensível que é construído sobre o leitor na infância.

Ao avaliar o potencial formativo dos paradigmas, Cosson (2020) alega que é no paradigma da formação do leitor em que é mais evidenciada a interação do aluno com o texto, “que faz esse novo ensino ser essencialmente pragmático e participativo” (Cosson, 2020, p. 139). Assim, com relação a isso dizemos que a imaginação da criança para o autor também cria um ponto de antecipação ao desenvolvimento da criatividade adulta, já que ela experimenta e recria sua realidade acerca de atribuir sentido nas suas projeções mais simbólicas, aplicando sentido às narrativas. A respeito desses aspectos, Vygotsky (2014, p. 35-36) argumenta que:

A infância é considerada como sendo o período em que mais se desenvolve a fantasia e, de acordo com esse critério, à medida que a criança se desenvolve, a sua capacidade imaginativa e as suas fantasias começam a diminuir. Essa concepção assenta-se numa série de observações sobre a atividade da fantasia.

A ruptura proposta pelas práticas disruptivas e pelas reflexões feitas não significa negar a tradição escolar, mas deslocar o foco de um ensino centrado na transmissão de conteúdos para uma experiência de leitura que privilegie a participação, a escuta e a construção coletiva de sentidos. Trata-se de reconhecer que a literatura, sobretudo na infância, se realiza quando também se mobiliza o imaginário, o corpo e a afetividade do leitor, permitindo que ele se veja dentro do acontecimento estético. A performance nesse ambiente, assume papel fundamental, pois configura a sala de aula como espaço de experimentação. Assim, o texto literário deixa de ser apenas objeto de análise ou instrumento moralizante e passa a ser vivenciado como prática cultural viva, com a qual a criança interage, responde, recria e atribui seus sentidos próprios.

A leitura, portanto, transforma-se em acontecimento partilhado, aproximando o universo simbólico da obra das experiências concretas dos sujeitos. As práticas disruptivas convergem diretamente com a perspectiva da didática performática defendida nesta pesquisa, uma vez que ambas apostam na centralidade do leitor e na potência da mediação. Ao valorizar voz, gesto, movimento e imaginação, o ensino de literatura abre caminhos para formar leitores mais sensíveis, críticos e participativos. É nesse deslocamento – do *texto como produto* para o *texto como experiência* – que se inscreve a possibilidade de renovação das práticas pedagógicas e de fortalecimento do vínculo das crianças com a literatura desde os primeiros anos escolares.

2 LITERATURA E ADOLESCÊNCIA NA ERA DIGITAL: PERFORMANCES VIRTUAIS

Esta pesquisa se dedica, primordialmente, à reflexão sobre as primeiras experiências dos sujeitos com a literatura no contexto escolar, especialmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, o que abarca crianças e adolescentes em seus processos iniciais de formação leitora. Nesse percurso formativo, a relação entre literatura deve ser compreendida à luz das transformações culturais contemporâneas, marcadas pela presença das tecnologias digitais e pela multiplicidade de linguagens. Os sujeitos leitores, na contemporaneidade, constroem sentidos não apenas a partir do texto escrito, mas também por meio de narrativas audiovisuais, performances virtuais e práticas de oralidade mediadas por telas.

No século XXI, marcado pelos avanços tecnológicos, também a literatura encontra outras formas de produção, circulação e consumo. As histórias infantis, por exemplo, têm sido apresentadas de maneira mais digital e a partir de um tempo acelerado e da imediatez do acesso, estabelecendo o protagonismo dos meios digitais, como tablets e aplicativos de celular como recursos de mediação da literatura infantil, e favorecendo uma relação dinâmica entre leitor e texto.

Ao possibilitarem a participação ativa do sujeito leitor – por meio da interação com personagens e da condução de acontecimentos narrativos –, esses recursos potencializam experiências de leitura que dialogam com princípios da didática performática que buscamos defender aqui, ao mobilizar a expressividade e o envolvimento sensorial na construção de sentidos sobre o processo de formação do leitor. Conforme Silva (2011, p. 2), “o advento da informática gerou o que é considerado como ‘tecnofobia’, revelando, em alguns casos, dificuldades de relação com a nova tecnologia, presente e necessária nos dias atuais”, ou seja, a escola pode assumir um papel fundamental na mediação entre literatura e tecnologias digitais, já que ao integrar práticas de leitura que utilizem recursos digitais como estratégias pedagógicas, suas performances virtuais, podem favorecer o envolvimento dos estudantes com o texto literário, quando bem orientadas pelo professor.

O comportamento social do leitor contemporâneo diante dessas novas tecnologias não estipula o fim da literatura em seu âmbito mais material. No último capítulo da obra *Literatura e Educação Infantil I: Livros, Imagens e Práticas de Leitura*, os autores destacam a importância de estratégias como: leitura em voz alta, dramatizações, uso de objetos simbólicos e variações

de entonação como instrumentos tecnológicos capazes de promover a escuta ativa e a recepção sensível da obra, elementos indispensáveis à formação de leitores críticos e autônomos. Conforme os autores:

Os recursos externos são objetos, figurinos, instrumentos, cenários, projeções que auxiliam o contador a enriquecer a sua performance e interagir com os ouvintes, proporcionando-lhes uma experiência estética diferenciada. (Sisto; Motoyama, 2016, p. 117)

Diante desse cenário, a mediação da literatura na escola demanda uma didática performática, entendida como um conjunto de práticas que mobilizam corpo, voz, gesto, ritmo e interação, possibilitando experiências estéticas mais significativas com o texto literário. Assim, ao considerar as linguagens que atravessam o cotidiano das crianças e adolescentes, a didática performática se configura como uma estratégia fundamental para favorecer o engajamento, a escuta sensível e a construção de sentidos nas primeiras experiências com a literatura. As mídias corporativas perceberam precocemente as possibilidades oferecidas pelo ciberespaço para a ampliação de seus públicos consumidores, incentivando formas específicas de cultura participativa, onde o campo literário também se encontra atravessado por essa mesma lógica. Segundo Jenkins,

[...] na forma ideal de uma narração transmidiática, cada mídia realiza o que é capaz de fazer melhor – de modo que uma narrativa poderia ser introduzida em um filme, expandida através da televisão, de romances e de histórias em quadrinhos; seu universo poderia ser explorado através de jogos ou experimentado como a atração de um parque de diversões. Cada entrada precisa ser auto suficiente, de modo que você não precisa ter visto o filme para apreciar o jogo, e vice-versa. (Jenkins, 2006, p. 97)

A mediação da literatura infantil pode dialogar com essas formas de expressão, reconhecendo que a performance também se manifesta em ambientes digitais, seja por meio de leituras dramatizadas, contações de histórias em vídeo ou produções multimodais. A didática performática, portanto, amplia seu alcance ao incorporar essas linguagens, aproximando a literatura do repertório cultural dos leitores. Essa aproximação contribui para a construção de experiências literárias mais significativas, uma vez que respeita os modos contemporâneos de

interação com o texto e potencializa o interesse pela leitura. Um exemplo usado na obra *Oralidade em tempo e espaço*, de Zumthor (2014), é quando se coloca um professor com os efeitos de entonação, pausas e variações perfeitas e ele capazmente consegue transmitir o texto escrito da narrativa oral, dando a seus alunos uma percepção que ultrapassa os sentidos fluidos de uma leitura tradicional, sem tanta racionalidade e com o ato cênico escorado em sua corporeidade. O autor sintetiza essa demanda contemporânea nos seguintes termos: “No limiar de uma nova era da oralidade [...] e em que a voz, em sua qualidade de emanção do corpo, é um motor essencial da energia coletiva”. (Zumthor, 2014, p. 58)

Assim, o mediador não se estabelece somente como um reproduzidor de texto, como um maquinário, ou como qualquer tipo de inteligência artificial do mundo moderno, mas como um artista de sentimentos, um ser de palavras estimulantes e menos engessadas na imaginação da criança.

3 ENTRE A EXPERIÊNCIA DE LEITURA E O ENSINO SISTEMÁTICO DA LITERATURA

A distinção entre leitura literária e estudo da literatura é fundamental para compreender o papel da didática performática na formação do leitor. Enquanto o estudo da literatura prioriza a análise crítica, histórica e teórica das obras, dimensão fundamental para a educação literária integral, uma leitura literária que promove o interesse e o hábito de leitura está relacionada à experiência subjetiva do leitor diante do texto. A oralidade, nesse sentido, se desenvolve com todos os conceitos práticos para se realizar com clareza, propiciando uma boa mediação e uma formação do leitor desde a infância, especialmente quando pensamos em uma leitura literária com voz ativa.

No contexto da mediação, a leitura oral precisa ser performática: não apenas articulada, mas expressiva, capaz de despertar imagens mentais e emoções, e só uma boa oralização do mediador consegue esse feito. Marcuschi (2009) não propõe a oralidade como uma modalidade inferior à escrita, já que, seu modo de linguagem se dá como uma potencialidade mais ligada à necessidade como ato comunicativo e em como ela se estrutura na sociedade em que ainda vivemos.

Ao mobilizar recursos como oralidade expressiva, gestualidade, ritmo e corpo, o mediador amplia suas possibilidades de recepção do texto, favorecendo a fruição estética com uma construção coletiva de sentidos. Assim, a didática performática atua justamente no fortalecimento da leitura literária, que cria condições para que o texto seja vivido de forma expressiva ao nível do sujeito leitor. Por meio da oralidade, do gesto e da voz, o mediador possibilita que o leitor construa sentidos a partir da escuta, da imaginação e da afetividade, aspectos centrais no contato inicial com a literatura infantil. A comunicação sobre a linguagem oral, mas que não tira o valor da escrita, defendida por Marcuschi, traz o que Zumthor (2014), em seu livro *o Performance, recepção, leitura*, marca como a performance de “um ato de presença”, colocado sobre a voz do mediador que é totalmente desempenhada como um corpo de texto.

Portanto, a experiência sensível com o texto cria bases para que, em momentos posteriores, práticas analíticas, o estudo sistemático da literatura, possam ser desenvolvidas de forma mais significativa. Assim, a leitura literária antecede e sustenta o estudo da literatura, especialmente nos processos iniciais de formação do leitor. Dessa forma, compreender a diferença entre *leitura literária* e *estudo da literatura* permite repensar as práticas pedagógicas no ensino de literatura infantil, reconhecendo a leitura como experiência estética e formativa.

A didática performática, ao valorizar essa dimensão, contribui para que a literatura seja vivenciada como prática cultural, artística e humana, fundamental no processo de constituição do leitor perene.

3 O MEDIADOR DE LEITURA PERFORMÁTICO

O mediador de leitura ocupa um lugar central no processo de formação do leitor literário, fundamentalmente na infância, já que é por meio de sua atuação que o texto deixa de ser apenas um código impresso e passa a se constituir como experiência estética, cultural e relacional. A mediação, nesse sentido, não se limita à leitura em voz alta, e sim, envolve escolhas expressivas que incidem diretamente sobre a forma como a obra é recebida e compreendida pelas crianças. Assim, o mediador-educador precisa desenvolver, intencionalmente, habilidades de modulação de voz, gestualidade e uso expressivo do corpo, e isso é sustentado com o fim de corporificar a narrativa e munir a imaginação simbólica da criança.

Essa atuação não deve ser compreendida como teatralização superficial do texto, mas como prática pedagógica intencional, fundamentada teoricamente, reconhecendo a leitura como um acontecimento estético. A performance, nesse caso, produz efeitos de sentido que ampliam a compreensão e o envolvimento do leitor com a obra literária, ou seja, pensar na formação de leitores na infância não deve envolver somente a vivência com o texto escrito, e sim o que pode proporcionar ao leitor em formação uma experiência com a linguagem plena, ativa e sensorial, semelhante a que vemos também na fundamentação do contexto cênico. A expressividade da mediação literária, segundo Novais (2023), é compreendida como um agrupamento de práticas pedagógicas, sociais e culturais com propósitos de leituras pertinentes contextualizadas às condições de cada leitor. O autor argumenta sobre que:

Todo aquele que, direta ou indiretamente, com ou sem intenção pedagógica explícita, atua no sentido de favorecer ou mesmo promover um sentido pessoal ou comunitário para o uso e a apropriação de textos - em sua diversidade de gêneros e suportes, lugares e funções - exerce, de certa forma, um papel de mediador da leitura. (Novais, 2023. p. 55)

O mediador performático contribui de maneira significativa para a formação de leitores sensíveis e críticos, capazes de estabelecer relações mais profundas com a literatura. Sua prática, que vai ser fundamentada de forma teórica, se sustenta pela expressividade corporal e vocal, ampliando os efeitos de sentido do texto literário e contribuindo para a formação de leitores mais sensíveis, críticos e afetivamente mais afetivamente envolvidos com a literatura desde os primeiros anos escolares.

No livro *Crítica, teoria e literatura infantil* de Peter Hunt (2010), essa perspectiva serve para quem vê a literatura infantil como algo que só pode ser plenamente compreendida quando se consideram os contextos de leitura e o papel ativo do leitor na construção de sentidos. Dessa maneira, a mediação vem favorecendo a participação, permitindo que a criança dialogue com a obra, a partir de suas referências culturais e afetivas. O autor utiliza de vários outros autores para acentuar sua tese, como o comentário de Jill Paton Walsh que diz:

O livro infantil apresenta um problema mais difícil, tecnicamente mais interessante – o de fazer uma declaração adulta inteiramente séria, como qualquer bom romance, sendo extremamente simples e transparente [...]. A necessidade de compreensão impõe uma obliquidade emocional, um procedimento indireto na abordagem, que, como a elisão e a afirmação parcial na poesia, muitas vezes é fonte de força estética. (Walsh *apud* Hunt, 2010, p. 77)

Quando a escolha do livro não envolve a criança leitora, mas se orienta por um viés utilitário e pedagógico, os critérios definidos por instâncias adultas que muitas vezes priorizam interesses mercadológicos ou expectativas curriculares. Nesse movimento, determinados agentes editoriais deixam de dialogar com o público infantil e passam a direcionar suas ações quase exclusivamente à escola, buscando atender às demandas dos mediadores, e não necessariamente às experiências e aos desejos das crianças.

No contexto literário brasileiro, Graça Paulino (2010) defende que a leitura literária na escola deve ser tratada como prática cultural, orientada pela fruição literária, e não apenas como conteúdo a ser avaliado. O letramento literário, para a autora, com mediação qualificada, é decisivo para que o texto literário mantenha sua dimensão artística e formativa, mas mesmo assim continua sendo uma “apropriação pessoal de práticas sociais de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela” (Paulino, 2010). Tal compreensão reforça a necessidade de um mediador que atue de maneira expressiva e consciente da importância da escuta, do diálogo e do envolvimento do leitor.

A contribuição de Célia Abicalil Belmiro (2010), em seu livro *A multimodalidade na literatura infantil e a formação de professores leitores*, amplia ainda mais essa discussão ao evidenciar que o livro de literatura infantil é constituído por múltiplas linguagens. Para Belmiro, a formação do mediador deve contemplar a capacidade de ler e articular essas dimensões, reconhecendo que a produção de sentidos se dá na interação entre o visível e o legível e nas

práticas escolares. Muitas vezes, as imagens são tratadas apenas como ilustração do texto verbal, quando, na verdade, participam ativamente da construção narrativa. Conforme a autora:

[...] a relação imagem e texto verbal apresenta dois recursos fundamentais para sua realização: o primeiro é a predominância da enunciação que introduz a força do narrador na orientação de leitura. O segundo é o da interdiscursividade: utilizado em algumas narrativas infantis como expediente para atualização do enredo. Esse recurso traz para os nossos dias o imaginário do conto de fadas tradicional, aproximando-o do imaginário das crianças do século 21, que agregam experiências na área da tecnologia, da insegurança urbana, das transformações por que passa a estrutura familiar. (Belmiro, 2010, p. 405)

Com isso, contar histórias implica oferecer estímulos para que o mediador e o leitor infantil atravessem juntos a experiência literária, em um movimento de construção coletiva. A performance, nesse vasto contexto, constitui-se como prática relacional, na qual a participação das crianças é parte integrante do acontecimento da leitura. Dessa forma, ao articular expressividade vocal, presença corporal e atenção às múltiplas linguagens do livro, a possibilidade de que a criança vivencie a literatura para além da decodificação, e o acesso a sua dimensão estética, simbólica e cultural, reafirme a mediação do educador como elemento indispensável para que a leitura literária transforme os primeiros anos escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início, ao longo desta pesquisa, partimos da compreensão de que a leitura literária ultrapassa a simples decodificação do texto escrito, constituindo-se como prática atravessada pela oralidade, pelo gesto, pela voz e interação, capaz de promover uma experiência estética, formativa e subjetiva para o leitor infantil e mesmo o juvenil. Na procura por compreender de que maneira a didática performática pode contribuir para qualificar de uma boa mediação da literatura infantil, os estudos evidenciam que ela se constitui como uma importante ferramenta, ao valorizar a leitura como experiência, já que a integração entre corpo, voz e texto possibilita a construção de sentidos mais significativos, contribuindo para o desenvolvimento do interesse pela leitura, ultrapassando também as tecnologias do mundo atual e usando-as a favor dos mediadores-educadores.

O diálogo estabelecido com Sisto e Motoyama, Cosson, Spolin, Zumthor, Marcuschi, Novais, Hunt, Paulino e Belmiro, com base primordial em Vygotsky, permitiu reconhecer que a formação do leitor depende de práticas que valorizem a participação, a sensibilidade e a construção coletiva de sentidos, levando em conta todos os meios existentes para uma boa adaptação do leitor na história e na prática educativa do mediador durante sua leitura. A literatura, nesse horizonte, deixa de ser apenas conteúdo escolar e passa a ser compreendida como experiência cultural viva, que se realiza plenamente na relação entre obra, mediador e leitor. A forma como o texto ganha seu ritmo e sua intensidade vai produzir efeitos estéticos que potencializam a recepção do livro literário. A mediação não se limita à apresentação de um conteúdo, mas envolve uma prática compartilhada, capaz de despertar e estimular o gosto pela leitura.

No contexto da escola contemporânea, atravessada por múltiplas linguagens, tecnologias e transformações nas formas de atenção, torna-se ainda mais urgente pensar em estratégias que reinstalem o encantamento e a escuta sensível. O termo criado e o poder dele, traz a didática performática, como um entendimento como prática intencional e teoricamente fundamentada, possibilitando que o mediador mobilize recursos expressivos capazes de aproximar o livro do repertório imaginativo das crianças, respeitando suas formas de perceber, imaginar e interagir com o mundo.

Conforme discutido, quando o mediador-educador assume a leitura como *acontecimento de presença*, na perspectiva de Zumthor, ele cria condições para que a criança dialogue com a narrativa a partir de suas referências culturais. Hunt e Paulino defendem que a mediação transforma seu espaço de partilha entre ambos. Nessa direção, a atenção às múltiplas

linguagens do livro literário, ressaltada por Belmiro, amplia a compreensão de que formar leitores envolventes também preparam o mediador para perceber as imagens, os silêncios, os gestos e as materialidades que atravessam a obra, assim produzindo seus sentidos únicos.

À luz dessas reflexões, entende-se que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois foi possível evidenciar que a didática performática fortalece o vínculo afetivo com a leitura, mobiliza a imaginação e contribui para a formação de leitores mais críticos, sensíveis e participativos desde os primeiros anos da escolarização. A atuação do mediador-educador, quando atravessada por consciência estética e compromisso pedagógico, tem potência para marcar trajetórias e inaugurar novas formas de relação com o texto literário, mesmo que ele não seja na sua forma física e sim na realidade digital: tudo se adapta. Embora este estudo seja de natureza teórica, ele reafirma a necessidade de rever práticas ainda sustentadas pela neutralidade e pela mecanização do ato de ler, desejando inspirar professores a reconhecerem, em seus próprios corpos e vozes, caminhos possíveis para manter a literatura infantil como espaço de arte, encontro e transformação.

REFERÊNCIAS

- BELMIRO, Celia Abicalil. A multimodalidade na literatura infantil e a formação de professores leitores. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 2, p. 403-420, abr./jun. de 2010.
- COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.
- HUNT, Peter. Definição de literatura infantil. In: HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- JENKINS, Henry. **Convergence culture: where old and new media collide**. New York: New York University Press, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. **Signótica**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 119-146, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/7396>. Acesso em: 22 de jul. de 2025.
- NOVAIS, Carlos Augusto. Mediação da leitura na perspectiva do letramento literário. In: BELMIRO, Célia Abicalil; MARTINS, Aracy Alves. (Orgs.). **Mediações de leitura literária**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023. p. 47-66.
- PAULINO, Graça. Funções e disfunções do livro para crianças. In: PAULINO, Graça. **Das leituras ao letramento literário**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010.
- SILVA, Antônio Carlos Braga. A literatura na era digital. **Anais... XII Congresso Internacional da ABRALIC: centro, centros – ética, estética**. Curitiba: UFPR, 2011.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- SISTO, Celso; MOTOYAMA, Juliane. **Literatura Infantil I**. Campinas: Mercado de Letras, 2016.
- SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- VYGOTSKY, Lev. **Imaginação e criatividade na infância**. Trad. de Zoia Prestes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.